

A Economia de Moçambique na década de 60

"TEMPO" (1) 20 de Setembro
de 1970: pág. 63-67

1 — POPULAÇÃO

A população dos anos posteriores a 1960 foi estimada com base na população revelada pelo censo daquele ano. Para a população africana tomou-se a taxa de crescimento anual de 1,6 %, verificada na década anterior. Para a população não africana, a taxa de 2,6 %, corrigida com os saldos migratórios anuais.

Observa-se todavia que a população dada pelo censo de 1960 se apresenta certamente subavaliada. Efectivamente os números obtidos no inquérito agrícola realizado nos anos de 1961 e seguintes revelam, sobretudo nos distritos mais rurais, diferenças muito sensíveis em relação aos números do censo.

A taxa de crescimento de 1,7 % da população de Moçambique é muito baixa em relação à taxa média de crescimento da população do continente africano, da ordem dos 2,6 %. Esta diferença deve resultar de uma taxa de mortalidade bastante superior à média do continente.

2 — PRODUTO INTERNO BRUTO

Os números do produto interno bruto (PIB) relativos ao quinquénio 1959/1963 são os apurados pela Missão de Estudo do Rendimento Nacional do Ultramar e referem-se ao conjunto dos circuitos monetários e não monetários. Em relação a 1969, e na falta de dados da mesma origem, tomou-se a estimativa apresentada na última edição do Atlas do Banco Mundial que nos parece harmónica com os números anteriores e neles provavelmente se baseia.

Os 39 milhões de contos de 1969 correspondem a 5 contos «per capita». Dado que em 1959 esse valor foi de 3,8 contos, o crescimento durante a década processou-se à taxa média de 2,6 %, o que, tendo em conta a desvalorização da moeda (os valores considerados referem-se

a escudos do ano), sensivelmente da mesma ordem de grandeza, significa que o crescimento do PIB apenas terá acompanhado o crescimento da população; o que aliás se harmoniza com a análise à evolução do PIB nas províncias ultramarinas durante o período de 1958 a 1967 feita no Relatório da Execução do Plano Intercalar de Fomento onde se refere que «as capitulações do rendimento e do produto interno bruto só não aumentaram praticamente em Angola, Moçambique e Macau».

As razões deste lento crescimento estão certamente relacionadas com a debilidade estrutural dos centros motores da economia moçambicana que se situam no sector agro-pecuário. Efectivamente durante a década de «60» mantiveram-se praticamente estagnadas ou até retrocederam as culturas do algodão, das oleaginosas (copra e amendoim), do sisal, a silvicultura e a criação de gado. O aumento substancial das colheitas de caju e a lenta expansão de culturas como as do chá, do arroz, do tabaco e do açúcar não foram suficientes para dinamizar o processo de expansão do sector agro-silvo-pastoril onde a província encontra a sua vocação económica.

3 — AGRO-PECUARIA

Em relação a este sector registam-se no quadro junto as produções de algodão, castanha de caju e os efectivos bovinos. Nas duas primeiras têm origem os dois ciclos económicos mais importantes e mais dinamizadores da economia da província, ciclos que em 1968 apresentaram o contributo de 1 754 386 contos para as exportações, isto é, 40 % do total. Quanto aos efectivos bovinos a sua importância resulta das grandes potencialidades oferecidas pela pecuária.

Na cultura do algodão o melhor ano da década foi o primeiro, o que quer dizer que algo existe na estrutura produtiva que

a impediu de quaisquer progressos ao longo de 10 anos. Aquela é constituída por cerca de 500 000 minúsculas explorações que de tão débeis e dispersas não puderam nem poderão beneficiar, quer dos progressos tecnológicos de cultura, quer das economias de escala da empresa. Assim, a produtividade das explorações é da ordem dos 350 quilos por hectare, a mais baixa do Mundo, segundo os números do Comité Consultivo Internacional do Algodão publicados no último número do Boletim Trimestral do Banco de Angola, e apenas ligeiramente superior a um terço da média mundial. Em Angola a produção média por hectare é dupla da de Moçambique.

Quanto às possibilidades de expansão da cultura (altamente rentável quando racionalmente explorada) basta dizer-se que a Rodésia passou da produção de 1000 toneladas de fibra em 1963 para 43 000 em 1969 (ano em que Moçambique produziu 41 000 toneladas) e que entre os 70 milhões de hectares de terras livres de Moçambique se encontraram dezenas de milhares onde as condições ecológicas se apresentam superiores às da Rodésia. De resto a cultura não é tão exigente em tecnologia que tenha obstado a que o México obtenha melhores produções médias por hectare do que os Estados Unidos e a que Angola tenha duplicado a produtividade entre os anos de 1961 e 1969.

A solução deste nosso grande problema não se encontrará sem a profunda alteração da estrutura produtiva que exige o robustecimento da empresa agrícola pela aglutinação das explorações. E a melhor via para essa aglutinação parece ser a cooperativização dos produtores sob imediato e sólido incentivo económico da continuação do processo tecnológico até a preparação da fibra, além do subsequente aumento da produção agrícola.

Em relação ao caju, cuja colheita comercializada experimentou um cresci-

A Economia de Moçambique na década de 60

	Unidade	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	VARIACAO ANUAL MEDIA
1 - População	1000 hab.		6 404	6 716	6 835	6 951	7 067	7 193	7 310	7 441	7 568	7 795	1,7
Africanos			6 456	6 560	6 665	6 770	6 880	6 990	7 100	7 220	7 330	7 450	
Europeus			97	105	120	130	135	150	155	165	180	195	
Asiáticos			19	19	18	18	19	19	20	20	21	22	
Mistos			31	32	32	33	33	34	35	36	37	38	
2 - Produto Interno Bruto	10 ⁶ Esc.	24 477	24 857	26 287	28 379	29 849						39 800	4,6
3 - Agricultura													
Algodão (carreg.)	Ton.	135 898	140 880	111 953	120 933	87 350	123 252	80 714	110 750	133 032	136 340	136 749	0
Café (casimbo)	Ton.	64 860	61 434	92 777	97 123	133 976	142 552	120 996	104 091	85 722	150 000 (*)		9,6
Efectivos bovinos	1000 cab.	1 000	1 000	1 117	1 142	1 127	1 144	1 134	1 135	1 184	1 224	1 260	2,4
4 - Pesca	Ton.	4 689	3 946	3 294	3 257	3 425	4 428	4 181	5 345	5 647	6 707	7 039	4,1
5 - Indústrias Extractivas	10 ⁶ Esc.	119	139	151	125	116	123	128	136	169	157	154	2,5
6 - Indústrias Transformadoras													
Investimentos acumulados	10 ⁶ Esc.	3 243	3 713	4 610	5 376	5 956	6 439	6 874	7 469	8 457			12,9
Mão-de-obra	n.º oper.	62 427	63 998	68 811	59 090	58 426	61 645	62 937	64 905	68 653			
Valor bruto da produção	10 ⁶ Esc.	3 300	3 674	4 175	4 438	4 637	5 035	5 667	6 627	6 917			9,1
Ind. dirig. exportação	10 ⁶ Esc.	1 830	2 009	2 246	2 366	2 488	2 483	2 624	2 986	3 258	3 551	3 737	7,5
Ind. dirig. merc. interno	10 ⁶ Esc.	1 470	1 665	1 929	2 072	2 149	2 552	3 043	3 641	3 659			12
7 - Construção	10 ⁶ Esc.	428	484	482	283	378	344	282	371	438	465		
8 - Electricidade (produção)	1000 Kw/h		237 883	281 007	301 948	322 783	366 467	425 426	426 568	455 245	421 514	662 494	8,6
9 - Transportes e Comunicações													
C. Ferro (merc. transp.)	1000 ton.	8 387	8 943	9 291	9 474	9 221	10 064	11 870	12 351	13 449	13 948	12 792	4,5
Estradas asfalt. (vehículos)	Km		1 823	1 983	1 152	1 162	1 224	1 310	1 339	1 390			
Automóveis em circulação													
Leves	Unid.	29 697	33 524	37 139	40 086	43 515	47 344	51 183	55 779	59 857	64 500 (*)	70 500 (*)	9
Pesados	Unid.	6 764	7 039	7 538	7 793	8 114	8 455	8 741	9 019	9 386	9 800 (*)	10 400 (*)	4,5
Telefones em uso		10 606	12 183	13 081	15 631	17 319	17 985	19 599	20 759	21 359			9
10 - Consumo													
Adidos	Ton.	15 342	15 684	17 391	14 517	17 309	22 184	21 118	24 795	26 946	26 902		6
Cimento	Ton.	213 366	221 794	212 146	178 564	163 134	182 097	221 677	225 317	242 482	285 734	305 677	6
Ferro e aço	Ton.	39 757	49 726	53 946	55 087	53 419	57 340	64 463	70 783	68 188			7,2
Combustíveis líquidos	Ton.												
Electricidade	1000 Kw/h	127 202	152 946	180 882	197 368	213 651	247 952	227 118	277 118	328 779	345 941		11,9
11 - Comércio externo													
Importação	10 ⁶ Esc.	3 452	3 446	3 720	3 900	4 875	4 489	4 984	4 984	5 725	6 740		
Exportação	10 ⁶ Esc.	1 904	2 099	2 540	2 616	2 896	3 043	3 106	3 106	3 508	4 428		
Saldo	10 ⁶ Esc.	- 1 548	- 1 547	- 1 172	- 1 292	- 1 179	- 1 144	- 1 878	- 2 753	- 2 225	- 2 320		
12 - Balança de pagamentos													
Estrangeiro	10 ⁶ Esc.	- 252	- 274	- 440	- 83	- 386	- 223	- 218	- 218	- 333	- 318	- 1 279	
Zona de escudo	10 ⁶ Esc.					+ 809	+ 1 036	+ 1 240	+ 1 240	+ 892	+ 922	+ 84	
						- 1 195	- 1 259	- 1 458	- 1 406	- 1 315	- 1 240	- 1 343	

M VALOR ESTIMADO

SOURCE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO, ESTATÍSTICA INDUSTRIAL, COMÉRCIO EXTERNO, BOLETIM MENSAL DE ESTATÍSTICA, ATLAS DO BANCO MUNDIAL, MISSÃO DE ESTUDO DO RENDIMENTO NACIONAL DO ULTRAMAR, RELATÓRIOS DO INSTITUTO DO ALGODÃO, RELATÓRIOS DOS SERVIÇOS AUTÓNOMOS DE ELECTRICIDADE

mento à taxa média de 9,6% no ano, embora muito irregular, nenhuma alteração significativa se verificou na estrutura produtiva. O aumento da quantidade de castanha introduzida no circuito comercial acompanhou o ritmo de aumento dos preços no produtor primário. Esse aumento, de mais de 100 % ao longo da década, está ligado à rarefacção da oferta para exportação provocada pela industrialização crescente em Moçambique.

A estrutura produtiva poderá ser muito alterada quando for francamente rentável a cultura ordenada do cajueiro e para tal será um contributo muito apreciável a linha industrial da «peras».

PAGINA 64

A pecuária é dominada pela criação de bovinos que em 1968 forneceu 88 % da carne saída dos matadouros.

Dos 97 800 criadores de gado, 95 000, ou seja 97 %, pertencem ao sector tradicional africano, e possuem 60 % dos efectivos bovinos.

No decurso dos 10 anos de «60» os efectivos bovinos cresceram à taxa média anual de 2,4 %. Esta lenta evolução quantitativa parece não ter sido acompanhada de melhoria da qualidade, pelo menos nos oito primeiros anos, pois que o peso médio dos bovinos adultos abatidos nos matadouros, sendo muito baixo, não aumentou. O peso médio ponderado durante aquele período foi de 151 quilos, cabendo a melhor média anual — 158 quilos — ao ano de 1960.

4 — PESCA

Apesar dos 2400 quilómetros de orla marítima e da presunção animadora de boa riqueza piscícola no canal de Moçambique, a pesca é um sector pouco relevante na nossa economia. Embora ocupe mais de 20 mil pessoas, o seu valor não atinge os 100 mil contos anuais.

Durante a década a tonelagem desembarcada baixou até 1962 e neste ano inicia uma expansão lenta e flutuante até 1968. Em 1969, porém, essa expansão é muito acentuada. Desta evolução resultou um crescimento à taxa média anual de 4,1 por cento.

TEMPO

	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	VALOR DO ANUAL X
1 - População												
1000 hab.	6.604	6.456	6.716	6.835	6.951	7.047	7.193	7.318	7.441	7.568	7.795	1,7
Africanas	6.456	6.560	6.560	6.665	6.770	6.880	6.990	7.100	7.220	7.330	7.450	
Europeias	97	105	105	120	130	135	150	155	165	180	195	
Asiáticas	19	19	19	18	18	19	19	20	20	21	22	
Mistas	31	32	32	32	33	33	34	35	36	37	38	
2 - Produto Interno Bruto	24.477	24.857	26.207	28.379	29.849						39.800	4,6
10 ⁶ Esc.												
3 - Agricultura	135.898	140.880	111.953	128.933	87.258	123.252	88.714	118.750	133.032	136.340	134.769	0
Algodão (careço)	64.860	61.434	92.777	97.123	133.976	142.552	120.996	104.091	85.722	150.000 (*)		9,6
Café (castanha)	1.000	1.068	1.117	1.142	1.127	1.144	1.134	1.135	1.194	1.224	1.248	2,4
Efêctivos bovinos	4.689	3.946	3.294	3.257	3.425	4.428	4.181	5.345	5.947	5.707	7.839	4,1
4 - Pesca	119	139	151	125	116	123	128	136	169	157	194	2,8
10 ⁶ Esc.												
5 - Indústrias Extractivas	3.243	3.713	4.610	5.376	5.956	6.439	6.874	7.469	8.459			12,9
6 - Indústrias Transformadoras	62.427	63.998	68.811	59.090	58.426	61.645	62.937	64.905	68.653			
Investimentos acumulados	3.300	3.674	4.175	4.438	4.637	5.035	5.667	6.427	6.917			9,1
Mão-de-obra	1.830	2.009	2.246	2.366	2.488	2.483	2.624	2.986	3.268	3.551	3.737	7,5
Valor bruto de produção	1.470	1.665	1.929	2.072	2.149	2.552	3.043	3.441	3.649			12
Ind. dirig. exportação												
Ind. dirig. merc. interno												
7 - Construção	428	486	482	283	378	344	282	371	438	465	582.494	8,6
10 ⁶ Esc.												
8 - Electricidade (produção)	8.307	8.943	9.291	9.474	9.221	10.064	11.870	12.359	13.449	13.948	12.792	4,5
1000 ton. Km												
9 - Transportes e Comunicações	29.697	33.524	37.139	48.086	43.515	47.344	51.183	55.779	59.857	64.500 (*)	78.500 (*)	9
C. ferro (merc. transp.)	6.764	7.039	7.538	7.793	8.114	8.455	8.741	9.019	9.386	9.800 (*)	10.400 (*)	4,5
Estradas asfalt. (carreiros)	10.606	12.103	13.081	15.531	17.319	17.985	19.599	20.759	21.359			9
Automeios em circulação												
Ligêncas												
Peçotes												
Telefones em uso												
10 - Comércio	15.342	15.484	17.391	14.517	17.309	22.184	21.118	24.795	26.946	26.802	305.677	6
Aduleros	219.366	221.794	212.146	178.564	163.194	182.097	221.677	225.317	242.482	285.734		5
Cimento	39.757	49.726	53.946	55.087	53.419	57.340	64.463	70.783	68.188	70.783	86.677	7,2
Ferro e aço	127.202	152.946	188.882	177.348	213.651	247.952	185.972	239.972	263.526	297.529	311.952	13
Combustíveis líquidos												
Electricidade												
1000 kw/h												
11 - Comércio externo	3.452	3.446	3.720	3.908	4.875	4.469	4.984	4.984	5.725	6.748		
Importação	1.904	2.099	2.548	2.616	2.896	3.043	3.106	3.106	3.508	4.428		
Exportação												
Saldo	- 1.548	- 1.547	- 1.172	- 1.292	- 1.179	- 1.146	- 1.878	- 2.753	- 2.225	- 2.320		
10 ⁶ Esc.												
12 - Balança de pagamentos	- 252	- 274	- 440	- 83	- 386	- 223	- 218	- 218	- 333	- 318	- 1.279	
10 ⁶ Esc.												
Estimativa												
Zona de escudo												
10 ⁶ Esc.												

(*) VALOR ESTIMADO

5 — INDÚSTRIAS EXTRACTIVAS

As indústrias extractivas, tal como a pesca, apresentam um contributo insignificante para o P. I. B. da província. Reduzem-se a pouco mais do que à exploração de uma mina de carvão (Moatize) em Tele, de alguns jazigos pegmatíticos na Zambézia, à exploração de pedreiras para a construção civil e à extracção de sal. Emprega cerca de sete mil operários e estão investidos no sector cerca de 300 mil contos. O valor da produção anda pelos 150 mil contos.

A taxa de crescimento de 2,5 % durante a década, avaliada em escudos do ano, é praticamente anulada pela desvalorização da moeda no decurso do período.

6 — INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS

O valor bruto da produção a escudos do ano cresceu à taxa média de 9 %.

Na indústria transformadora distinguem-se dois sectores bem distintos:

- O das indústrias dirigidas à exportação, com um valor de produção próximo de metade (47 % em 1967) do total das indústrias transformadoras, laborando fundamentalmente os produtos primários da agricultura cuja produção é favorecida pelas condições ecológicas do território, abrangendo indústrias alimentares (açúcar, amêndoa de caju e chá), extracção e refinação de óleos vegetais (amendoim, algodão, copra e outros), preparação de fibras têxteis (algodão e sisal), cordoaria de sisal, serração de madeira, e ainda, a indústria dos derivados do petróleo bruto. Este conjunto coloca no exterior cerca de 75 % da sua produção, assim contribuindo com dois terços do total das exportações.
- O das indústrias dirigidas ao mercado interno, com um valor de produção ligeiramente superior a metade (53 % em 1967) do total das indústrias transformadoras. Neste grupo, e com valores de produção superiores a 100 mil contos em 1968, incluem-se, a moagem de trigo, o descasque de arroz, a fabricação de cerveja, a manipulação do tabaco (cigarros), têxteis de algodão, vestuário, cimento e a construção e montagem de material de caminhos de ferro; além de indústrias menos tipificadas como a panificação, as artes gráficas e outras (metalomecânicas) que igualmente atingem aquele valor de produção. Este conjunto exporta 7 % da sua produção e o seu contributo para o total das exportações é também próximo dos 7 %.

A taxa média de crescimento global do valor bruto da produção dos dois sectores da indústria transformadora foi, durante os oito primeiros anos da década (dos dois últimos não estão ainda publicadas as estatísticas), de 9,1 %. Todavia, ao passo que a taxa de crescimento relativa às indústrias dirigidas à exportação foi apenas de 7,5 %, a correspondente às indústrias dirigidas ao mercado interno foi de 12 %. Estas taxas não foram contudo uniformes ao longo do período considerado. No quadro que segue podem verificar-se as flutuações ocorridas:

	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	Méd. anual
Indúst. Transform.	11,3	13,6	6,3	4,5	8,6	12,6	13,4	7,6	—	—	9,1
Indúst. Exportação	9,8	11,8	5,3	5,2	- 0,2	5,7	13,8	9,4	8,7	5,2	7,5
Indúst. Merc. Int.	13,3	15,9	7,4	3,7	18,8	19,2	13,1	6,0	—	—	12,0

A taxa cresce nos dois primeiros anos e a partir de 1961 há uma quebra muito acentuada que se prolonga, até 1964 para as indústrias exportadoras, e até 1963 para as indústrias dirigidas ao mercado interno. O conjunto dos sectores atinge novo máximo em 1966 (nas indústrias dirigidas ao mercado interno em 1965) e no ano seguinte inicia-se nova queda que se deve ter prolongado até ao fim da década. (Assim aconteceu com as indústrias de exportação).

Durante os anos de «60» foram introduzidas as seguintes indústrias novas: no grupo das indústrias exportadoras, a refinaria de petróleos (1961) e a cordoaria de sisal (1967); no grupo das indústrias dirigidas ao mercado interno surgiram, a preparação de tintas (1962), a laminagem de ferro e aço (1963), as embalagens metálicas (1963), a construção e montagem de material de caminho de ferro (1963) e a fabricação de adubos (1968).

A taxa anual média global de 7,5 % de crescimento das indústrias exportadoras, em termos de valor bruto de produção, foi o resultado de taxas de variação anual muito diversas.

Assim a indústria do descaroçamento do algodão, manteve-se estagnada, a do descasque de caju, mais que decuplicou, a dos óleos vegetais (obrigada a importar amendoim e germe de milho), cresceu à taxa de 10 %, a do açúcar, apenas se expandiu à taxa de 6 %, a do sisal (fibra) experimentou uma redução à taxa média de -1,7 %; na serração de madeiras verificou-se também a taxa negativa de 0,6 %, a refinaria de petróleos teve uma expansão bastante regular, de 8,3 %.

O crescimento médio anual de 12 % do grupo de indústrias dirigidas ao mercado interno foi também sectorialmente muito diversificado. Assim, e mencionando apenas as mais importantes, a moagem de trigo cresceu à taxa média de 10 %, a fabricação de cerveja quase quintuplicou, a manipulação do tabaco aumentou à taxa de 8 %, a indústria do vestuário (muito bem adaptada às condições económicas da província e por isso competitiva nos mercados internacionais para onde vem exportando em muito bom ritmo) mais que decuplicou durante a década; a fabricação de cimento apenas cresceu à taxa de 5 % e as metalomecânicas tiveram um surto muito acentuado.

7 — CONSTRUÇÃO

A construção civil, que nos últimos anos de «50» se apresentava muito activa, cresce ainda em 1960 e no ano seguinte inicia uma depressão que a conduz a um valor muito baixo em 1962. No ano seguinte experimenta uma melhoria para novamente baixar nos anos de 1964 e 1965, apresentando neste ano o valor mínimo da década. Em 1966 retoma o ritmo ascensional e no último ano deve ter ultrapassado o seu máximo, verificado em 1960.

Trata-se de uma actividade com um peso bastante significativo na economia da província. Para tal se conjugam a reduzida propensão ao investimento noutros sectores e a extensão do crédito à construção habitacional.

A Economia de Moçambique na década de 60

8 — ENERGIA ELÉCTRICA

A energia eléctrica é produzida em Moçambique por um grande número de pequenas centrais (772 em 1968), das quais cerca de 85 % são de serviço particular. Apenas existem duas centrais com potência instalada superior a 20 000 KW, uma térmica, em Lourenço Marques, e outra hidráulica, no Mavuzi, servindo distrito de Manica e Sofala e exportando produção excedentária para a Rodésia. A produção de energia térmica foi, em 1968, sensivelmente dupla da de energia hidroeléctrica.

No decurso da década o aumento da produção processou-se com bastante regularidade à taxa média anual de 8,6 %

9 — TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Neste importante sector da economia de Moçambique os progressos foram lentos como deixam ver as pequenas taxas médias anuais de crescimento de alguns seus mais significativos componentes. O mais importante de todos — os caminhos de ferro — avaliado em termos de tonelagem de mercadoria transportada, apenas se expandiu à taxa média de 4,5 % (em termos de toneladas/quilómetros a taxa é sensivelmente a mesma). E para este resultado contribuiu muito sensivelmente o transporte de minério da Suazilândia verificado nos últimos anos.

No domínio dos transportes rodoviários a ampliação da rede de estradas asfaltadas foi insignificante e todavia a densidade destas estradas era, em 1960, de 1,3 metros por Km². Em 1967, último ano de que se

dispõe de informação estatística, aquele indicador aparece aumentado de 36 %, o que significa que no decurso dos sete anos houve um aumento médio anual que não atingiu os 4 %. Quanto à rede de estradas não asfaltadas a sua extensão manteve-se na ordem de 25 000 quilómetros, isto é, 32 metros por Km². O parque automóvel de veículos pesados teve um comportamento semelhante: apenas cresceu à taxa de 4,5%. A taxa de aumento dos veículos ligeiros foi todavia dupla desta.

A rede telefónica cresceu, em termos de número de telefones em uso, regularmente e à taxa média anual de 9 %. O número actual de telefones deve andar pelos 25 000.

10 — CONSUMO

Neste capítulo apenas se registam alguns números habitualmente utilizados como indicados da dimensão do mercado.

Com excepção da expansão bastante acentuada do consumo de combustíveis líquidos (à taxa de 13 %) e do de electricidade (à taxa de 11,9 %), a progressão dos consumos de adubos, cimento e ferro processou-se a taxas muito baixas.

O crescimento médio anual de 6 % do consumo de adubos num território de marcada vocação agrícola é especialmente insatisfatório pois que se partiu de um consumo «per capita» da ordem dos 2,4 quilos no princípio da década. Observa-se que em estudo apresentado ao Simpósio Internacional de Desenvolvimento Industrial (Atenas, 1967) se consideram consumos moderados até à ordem dos 25 quilos «per capita»

11 — COMÉRCIO EXTERNO

Apesar do crescimento persistente e em bom ritmo das exportações os saldos do comércio externo mantiveram-se fortemente negativos; aliás compensados pelos saldos da balança de prestação de serviços com os territórios vizinhos (transportes e mão-de-obra de trabalhadores deslocados). Ao contrário do que é habitual nos países subdesenvolvidos, em que a flutuação das cotações a que estão sujeitos os produtos da pequena gama das suas exportações (produtos primários ou fracamente industrializados) torna as receitas de exportação irregulares e de tendência estagnante, o valor das exportações de Moçambique aumentou até 1968 sem a excepção de um só ano. Efectivamente as exportações da província são razoavelmente diversificadas e de produtos com um certo grau de transformação industrial. Os números que seguem dão ideia da origem das exportações. Referem-se a valores médios dos últimos três anos de que há informação estatística.

SECTORES DE EXPLORAÇÃO	%
Indústrias exportadoras	64
Outras indústrias	7
Indústrias extractivas	2
Agricultura (produtos primários)	23
Artigos diversos (sucatas)	1
Origem não identificada	3

Entre os produtos das indústrias exportadoras contam-se: a fibra de algodão, o açúcar, os óleos vegetais, a amêndoa de caju, o chá, a fibra de sisal, as madeiras e os derivados do petróleo. Das restantes indústrias (fundamentalmente visando o mercado interno) tiveram alguma expressão nas exportações: o arroz, os tecidos de algodão, o tabaco manipulado e o vestuário. Os produtos de exportação das indústrias extractivas foram o carvão e os minérios pegmatíticos. Dos produtos primários da agricultura, pesaram nas exportações, a castanha de caju e a copra, e com valores muito inferiores, o tabaco não manipulado, as citrinas e as bananas.

Nas importações, além dos bens de equipamento e de consumo durável entre os quais avulta o material de transporte, ocupam posição destacada: entre as matérias-primas, o petróleo bruto; no conjunto dos produtos da alimentação e bebidas, os vinhos, o peixe, o trigo, os lacticínios, o azeite e as frutas; no grupo das matérias têxteis e respectivas obras, os tecidos de algodão e artigos de vestuário; e por fim, com valor superior a 100 mil contos, os medicamentos.

12 — BALANÇA DE PAGAMENTOS

A balança de pagamentos acusou em todos os anos da década saldos negativos. Estes resultaram de um saldo sistematicamente positivo com o estrangeiro e um saldo sistematicamente negativo com a zona do escudo (praticamente a Metrópole). O saldo positivo com o estrangeiro apresentou nos últimos três anos uma tendência regressiva que foi muito brusca em 1969 e o saldo negativo com a zona do escudo flutuou nas faixas dos duzentos e trezentos mil contos durante os primeiros nove anos, elevando-se bruscamente também em 1969.

Ao longo da década a balança de pagamentos apresentou relações quantitativas tão persistentes que lhe conferiram características estruturais muito marcadas. Assim, na balança com o estrangeiro, destacou-se pelo seu peso relativo a conta Mer-

cadorias, fortemente negativa, mas praticamente compensada pelos fluxos, sempre positivos, referentes a transportes e outros serviços relacionados com o trânsito de mercadorias. Ainda com o estrangeiro são estruturalmente positivos os saldos das contas Turismo e Transferências Privadas (remessas dos trabalhadores deslocados nos territórios vizinhos) e sistematicamente negativas as contas de Capitais.

Com a zona do escudo todas as contas, com excepção da de Movimento de Capitais com valoxres ora positivos ora negativos, apresentaram saldos negativos durante os últimos cinco anos.

Ao contrário da convicção correntemente manifestada de que o desequilíbrio da balança de pagamentos com a Metrópole (praticamente a balança com a zona do escudo) provém do desequilíbrio das trocas comerciais, os números revelam uma situação bem diversa. As contas Transferências Privadas, Rendimentos de Capitais e Diversos (fundamentalmente transferências governamentais) concorrem mais intensamente para aquele desequilíbrio do que a conta Mercadorias. O valor médio dos saldos durante os últimos cinco anos apresenta-se como segue:

CONTAS	Saldo Médio do Quinquénio 1965/1969
SALDO GLOBAL	— 1352
Mercadorias	— 244
Turismo (lic. Metrópole)	— 192
Transportes	— 58
Rendimentos de capitais	— 248
Transferências privadas	— 280
Movimento de capitais	+ 5
Diversos	— 335

Em relação à conta Mercadorias, os fluxos que mais a oneram correspondem à importação de tecidos, vinhos e artigos de vestuário, cujo valor global, em 1968, se aproximou do milhão de contos.

Dada a dinâmica da balança de pagamentos com a Metrópole, as pressões exercidas pelos fluxos contabilizados nas contas Transferências Privadas, Rendimentos de Capitais e Turismo (férias na Metrópole), dificilmente consentirão o seu equilíbrio, pois que também dificilmente se encontrará quem não deseje ver, por uma simples transferência, contado o seu dinheiro numa moeda mais forte.

No quadro junto o saldo negativo de 1969 — 1279 milhares de contos — apresentou-se fortemente anómalo. Efectivamente nos nove anos anteriores o seu valor médio foi de -297 mil e oscilou entre os limites de -83 mil e -440 mil. Não se dispõe ainda de informação estatística que permita a análise detalhada da conjuntura que lhe deu origem. Contudo, o exame dos dados relativos ao comércio externo e outros já publicados, levam a admitir que houve sensível diminuição das exportações. A ser assim é a primeira vez que tal sucedeu durante a década. Por outro lado, a persistência de saldos negativos ao longo de todos os seis meses do ano em curso, com um valor acumulado de perto de um milhão de contos (993 mil), parece revelar, não só uma situação conjuntural, mas uma alteração de estrutura que não terá por isso solução a curto prazo.

Em síntese, o exame dos números do quadro junto, relativos ao ritmo da economia de Moçambique durante a última década, mostra que é nos sectores da produção primária — agro-pecuária, pesca e indústrias extractivas — que se encontram taxas de crescimento mais baixas. Desta debilidade de sectores tão intrinsecamente dinâmicos teria resultado a lentidão do processo económico reflectida na evolução do produto interno bruto e a alteração estrutural que parece estar na base da mais longa e mais intensa série de saldos negativos da balança de pagamentos.

Não foi certamente sem fortes razões que no discurso proferido em 15 de Agosto último, que na cerimónia inaugural de uma importante unidade industrial nas proximidades da cidade da Beira, o Governador-Geral afirmou: «Nós temos que transpor para outros níveis a riqueza desta Província».